

**O Globo**

**18/3/2007**

### **Situação se agrava em maio**

- Há casos na Justiça que falam de feitores armados em Piracicaba, dívidas impagáveis para os "gatos" em São Carlos, Bauru, mas a prática vem sendo reduzida em São Paulo.

— Há dois anos temos melhorado muito as condições nos canaviais, graças à fiscalização. Mas estamos percebendo o aumento das lavouras de cana, e ficamos preocupados. Por causa desse aumento, de 20 auditores do Grupo Móvel Rural, já estamos treinando mais 200 para entrar em ação até o fim de 2007 —disse o delegado regional do Trabalho em São Paulo, Márcio Chaves.

A situação se agrava com a chegada dos migrantes em maio, quando começa o corte.

—A maioria fica apinhada em alojamentos nos canaviais, e não se pode entrar sem ordem das usinas — diz irmã Inês Facioli, da Pastoral do Migrante.

O GLOBO percorreu alguns canaviais, mas não conseguiu permissão para ver alojamentos e falar com trabalhadores.

A perspectiva de aumento da produção de etanol pode gerar mais trabalho de corte, e isso assusta os sindicalistas.

— O efeito Bush vai aumentar os problemas. A cana vai gerar mais subempregos. O que conquistamos em algumas usinas paulistas foi com mortes, doenças e greves. Teremos que começar tudo de novo — afirma o presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Guariba, Wilson Rodrigues da Silva.

Editoria de Arte

### **Os caminhos da cana**

A CANA

NA SAFRA 2006/2007 FORAM CULTIVADOS

6,3 milhões de hectares e produzidos

17,7 bilhões de litros de álcool

29,8 toneladas de açúcar e mais

8 bilhões de litros serão produzidos em

100 novas usinas

### **FINANCIAMENTO PARA O SETOR**

2004 — R\$ 586 milhões

2005 — R\$ 1,1 bilhão

2006 — R\$ 2 bilhões

## **O DÉFICIT DO MERCADO INTERNO É DE 8 BILHÕES DE LITROS**

Em 2006, a produção cresceu 9%

Em 2007, espera crescer 16%

## **DANOS AMBIENTAIS**

-A monocultura barra a diversidade de espécies

-Para cada litro de álcool, são produzidos 12 litros de resíduos (vinhoto), que destroem lençol freático e aquíferos

-A cana atinge áreas de reservas ambientais permanentes

-Legalmente, 20% das áreas de agricultura seriam preservadas. Em São Paulo não há mais reservas nos canaviais

-A queima da cana causa pneumopatias na população próxima e a fuligem polui as cidades

## **ONDE A CANA COMEÇA A CHEGAR**

Fronteiras agrícolas paulistas

Nestas áreas, a cana ocupa o lugar da laranja, da soja e do gado, que passa a ocupar áreas dos estados da Amazônia Legal e da própria floresta. Atenção: os canaviais não mantêm áreas de pequenas florestas nem de mananciais, mesmo em áreas que teriam que ser protegidas, por causa do veneno que é lançado por aviões

Goiás / Minas Gerais / Mato Grosso do Sul / Mato Grosso / Paraná / Espírito Santo / Rio de Janeiro / Ribeirão Preto (SP)

## **AS PESSOAS**

### **RADIOGRAFIA DOS TRABALHADORES DA CANA**

- Número de trabalhadores com contratos, segundo os usineiros:

160 mil no corte em SP

400 mil no processo todo (de 40% a 30% migrantes temporários)

1 milhão de empregos diretos e indiretos no país

- Número de trabalhadores com e sem contratos, segundo estimativas UNESP e UFSCAR:

No Brasil

300 mil migrantes, mais 50 mil fixados

Em São Paulo

200 mil migrantes, mais 50 mil fixados

## **CORTADOR DE CANA**

Média de produção diária (seis dias de jornada): 12 toneladas cortadas e carregadas

Implica, segundo pesquisa da UFSCAR: 73.260 golpes de facão por dia 36.630 flexões de pernas para golpear a cana 8.800 metros de caminhada total por dia carregando 12 toneladas de cana em montes de 15 quilos cada em 800 trajetos em distâncias de 1,5 a 3 metros, sob temperaturas altas e muitas vezes com fuligem da cana queimada e poeira

Perdem em média 8 litros de água por dia

As jornadas diárias variam entre 10 horas, 12 horas e até 18 horas

3% das empresas que constam na lista do trabalho escravo do Ministério do Trabalho são canavieiros

## **QUANTO GANHAM\* (EM SÃO PAULO)**

Mínima (6 dias por semana, com 10 toneladas diárias) — R\$ 600 por mês

Média (para trabalhar 6 dias por semana, com média de produção de 14 toneladas) — R\$ 800 por mês

Alta (6 dias por semana, para os "campões" ou "superhomens", com produção diária superior a 20 toneladas/dia) — R\$ 1.400 por mês

\*Excluídos gastos de hospedagem, viagem e alimentação.

## **PERDAS NA RENDA**

Na década de 80, produziam 6 toneladas/dia e recebiam R\$ 932 em salários atualizados (fora o extra por tonelada), segundo a UFSCAR

Em 2007, produzem 12 toneladas/dia e recebem R\$ 470 em salário, fora o extra por tonelada, que rende R\$ 2,86 no primeiro corte e R\$ 2,75 nos demais. A pesagem é estimada aleatoriamente com perda estimada em 50% para os trabalhadores

## **VIDA PRODUTIVA**

O limite de saúde se esgota entre a quinta e sétima safra (cinco a sete anos)

Muitos chegam com desnutrição e doença de chagas

A chamada "birola", morte pelo excesso de trabalho, teria matado 15 trabalhadores em SP entre 2004 e 2005. Outros quatro mortes em acidentes de trabalho foram registradas pela Pastoral do Migrante

Fontes: Unesp, Instar, Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Guariba, Procuradoria do Trabalho, Delegacia Regional do Trabalho. União dos Usineiros, Pastoral do Migrante, Rede Social de Justiça Ministério Público do Trabalho, Delegacias Regionais do Trabalho, Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Porteirinha e Organização Internacional do Trabalho

***(Página 8)***